

*CORPO E ENVELHECIMENTO:  
UMA REFLEXÃO – ARTIGO DE REVISÃO*

Claudia Feio da Maia Lima<sup>1</sup>  
Maria da Conceição Costa Rivemales<sup>2</sup>

resumo

Objetivo: refletir sobre questões que permeiam o envelhecer e o corpo, envolvendo mudanças e significado para a sociedade moderna. Método: trata-se de uma pesquisa bibliográfica, realizada a partir do levantamento de publicações indexadas nas bases de dados Medline, SCIELO e LILACS, no período de agosto de 2009 a junho de 2010. O corpus do estudo foi composto por onze publicações. Resultados: transformações do corpo são inerentes ao envelhecimento, no qual se encontram embutidas questões referentes ao bem-estar, à saúde, à dor, à doença e ao processo de envelhecer. Através da relação "eu-corpo-outro-mundo", vive-se a corporeidade de modo significativo para si, e deseja-se o reconhecimento desse valor pelos outros. No entanto, juventude e vigor

---

1 Graduada em Enfermagem. Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Vínculo Institucional: Professora assistente da Universidade Federal da Bahia (UFRB). E-mail: claudia-feiolima@yahoo.com.br

2 Graduada em Enfermagem. Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Vínculo Institucional: Professora assistente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: mariarivemales@hotmail.com

tomam-se elementos centrais numa sociedade que tem o corpo como meio de expressão e de construção de identidades. O corpo do velho é o corpo “diferente”, comparado – em desvantagem – com o modelo de corpo e beleza jovem vigente na sociedade. Conclusão: reconhecer as transformações do corpo na maturidade significa incluí-lo no registro da diferença, recolocando-o num lugar de valor, mantendo-o no circuito do desejo, sem exageros e negação de si.

palavras-chave  
Idoso. Corpo Humano. Enfermagem.

## 1 Introdução

O corpo é tudo aquilo que somos, mas também aquilo que nos escapa, que nos ultrapassa, que não nos pertence. É nele que marcas/símbolos culturais são inscritos e funcionam como um modo de classificar, agrupar, ordenar, qualificar e diferenciar, posicionando de diferentes modos os sujeitos na escala social e determinando quem pertence ou não a certas classificações de corpo: magro, alto, belo, branco, jovem, heterossexual, saudável, entre outros.

Esses marcadores identitários não são fixos ou estáveis, são objetos de uma contínua construção. Visto desta perspectiva, o corpo é um construto social e cultural alvo de diferentes e múltiplos marcadores identitários (ANDRADE, 2003). Assim que o corpo chega, a sociedade toma conta dele, sendo concebido e vivido como se fosse um objeto inacabado, incompleto (MALYSSE, 2000).

Enquanto construto social, o corpo é produzido como um elemento discursivo de múltiplas instâncias econômicas, sociais e culturais e cada sociedade ou grupo social dispõe de maneiras específicas de conceber e lidar com o corpo, interpretando-o e representando o seu estado de saúde ou doença de forma distinta.

A experiência do corpo, segundo Chammé (1996), pode nortear-se entre dois pólos: o de saúde e o de doença. Porém, seus determinantes não serão necessariamente ditados pela exclusividade do acometimento biológico, mas também pelas condições culturais e simbólicas que configuram sua ampla e complexa identidade.

Nesse sentido, a doença, como fenômeno social, é capaz de estabelecer uma relação entre as ordens biológica e social, atingindo concomitantemente

ao indivíduo, no que deve à biologia – o seu corpo – à sociedade e as relações sociais (CANESQUI, 2003). Tais relações estarão constantemente sob controle, mediante as condições de riscos e alteração do estado de saúde, que, uma vez instalados, nunca são considerados como definitivo, por entender que saúde e doença estão constantemente sob uma condição tanto provisória, quanto suspeitável.

No decorrer do século XX, a imagem do que é saúde sofre um deslocamento em relação a conceitos de períodos anteriores. A conquista de um corpo saudável e belo passa a ser entendida como um objetivo individual a ser atingido por meio de um exercício intencional de autocontrole, envolvendo força de vontade, restrição e vigilância constantes (ANDRADE, 2003).

Na modernidade, o que se verifica é uma utopia centrada no corpo, na saúde em aliança com a beleza. Através dos meios de comunicação, circulam as informações sobre os problemas de saúde e as formas de se chegar à aparência da beleza (SILVA, 2001).

Na medida em que o sujeito, através de seu corpo, exhibe as condições de ordem ou de desordem nele instaladas, cabe-lhe, ainda, simbolicamente, a tarefa de apresentá-lo como se fosse um verdadeiro passaporte que permite ao seu portador efetuar e efetivar a ampliação ou restrição das suas relações interativas (CHAMMÉ, 1996).

Por outro lado, em função do mercado de consumo, o corpo sofre por um processo de construção e reconstrução. Ele consome a si mesmo como imagem bela que se permite vender, sendo importante um corpo belo, jovem e saudável, que exaltado e padronizado pelos modelos atuais em nossa sociedade, desvaloriza o envelhecimento, e conseqüentemente, leva a não percepção social da velhice, por ser o corpo em declínio revelador da finitude do ser.

Nessa perspectiva, o presente estudo evidencia o conhecimento situacional das publicações evolutivas a respeito das questões que permeiam o envelhecer e o corpo, envolvendo mudanças e significado para a sociedade moderna.

## 2 Método

Trata-se de um estudo bibliográfico, desenvolvido com publicações científicas. A coleta de dados foi realizada no período de agosto/2009 a Junho/2010, a partir do levantamento de publicações indexadas nas bases de dados Medline (National Library of Medicine, USA), SCIELO (Scientific Electronic Library Online) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do

Caribe em Ciências da Saúde), utilizando-se as seguintes palavras-chave: corpo humano, idoso, envelhecimento.

Foram incluídas publicações da literatura nacional que tratassem sobre a temática do estudo e estivessem disponíveis eletronicamente. O *corpus* da pesquisa foi composto por onze publicações. As fases da pesquisa ocorreram, respectivamente, a partir da identificação e localização de referencial teórico que abordasse o tema em estudo, do fichamento e arquivamento do material encontrado, da obtenção das informações pertinentes ao estudo, e por fim, da redação do trabalho.

Na análise bibliográfica, foi utilizada a abordagem qualitativa, uma vez que essa permite entrar em profundidade na essência do tema proposto. As publicações foram analisadas de modo a refletir sobre questões que permeiam o envelhecer e o corpo, envolvendo mudanças e significado para a sociedade moderna.

Por se tratar de uma revisão bibliográfica, não foi necessária a aprovação por um Comitê de Ética em Pesquisa.

### 3 Resultados

As publicações selecionadas e incluídas no estudo são apresentadas e descritas na tabela 1 em ordem cronológica de publicação.

Tabela 1 – Publicações da literatura nacional incluídas no estudo.

Ano	Autores	Título	Objetivo do estudo	Resultados de interesse para esta revisão
1996	CHAMIMÉ, Sebastião Jorge	Modos e modas da doença e do corpo.	Compreender o processo da "Construção Social da Saúde".	Trata sobre a consideração dos processos de construção, desconstrução e de evolução do imaginário e das representações sociais vivenciados pelos sujeitos e seus corpos.
2000	MALYSSE, Stéphane Rémy	Além do corpo: a carne como ficção científica.	Realizar uma reflexão crítica sobre o livro de David Le Breton L'adieu au corps.	Para David Le Breton, o indivíduo, na sociedade contemporânea, pensa o corpo como um material, como um simples suporte e veículo da pessoa, assim andando e pensando, ele parece se afastar cada vez mais do seu próprio corpo e concebê-lo como uma matéria imperfeita, corrigível e finalmente dispensável.
2003	ANDRADE, Sandra Santos dos	Saúde e beleza do corpo feminino – algumas representações no Brasil do Século XX.	Situar o corpo, principalmente o feminino, como um construto histórico, social e cultural, produzido de múltiplas formas no tempo e no espaço.	Localiza algumas das transformações, permanências e/ou rupturas operadas nas representações de corpo feminino na interrelação entre saúde e beleza no decorrer do século XX, sinalizando como a medicina social higienista apropriou-se dos discursos eugênicos com o intuito de produzir novos conceitos de higiene, de saúde e de corpo em nome da população.
2003	CANESQUI, Ana Maria	Os estudos de antropologia da saúde / doença no Brasil na década de 1990.	Rever e comentar os estudos antropológicos e qualitativos sobre as dimensões socioculturais da saúde/doença.	Inclui a discussão sobre a sexualidade, doença e relações de gênero, traçando alguns fatores que contribuíram para a expansão da produção acadêmica proposta no objetivo do estudo.
2005	SANTANA, Rosimere Ferreira; SANTOS, Iraci dos	Teorizando o envelhecer para cuidar da pessoa idosa: estudo socio-poético.	Identificar, nas manifestações do imaginário de pessoas idosas, conceitos com aderência à teorização do envelhecer que demarcuem seu modo de viver.	Trata o envelhecer como a união da idade com a experiência; a continuidade do viver. O envelhecimento desejado influencia uma nova forma de se posicionar frente à vida, para que ela traga um crescimento pessoal.

Continua...

## Continuação

2008	PROGHET, Teresa Cristina; SILVA, Maria Júlia Paes da	Situações de desconforto vivenciadas pelo idoso hospitalizado com a invasão do espaço pessoal e territorial.	Identificar as situações de desconforto vivenciadas pelo idoso hospitalizado com a invasão do espaço territorial e pessoal.	Evidencia as situações de invasão territorial e invasão pessoal de desagradado dos idosos, onde a invasão pessoal está atrelada à manipulação da unidade do cliente sem seu consentimento e ao desrespeito à intimidade com a banalização da exposição do corpo.
2008	MMA, Gabriela Felten da	Corpo e Velhice na Contemporaneidade.	Discutir sobre o tema velhice, corpo e sociedade.	Traz reflexões sobre a problematização das imagens construídas em torno do envelhecimento na atualidade.
2008	MARIN, Maria José Sanches et al.	Diagnósticos de enfermagem de idosos carentes de um programa de saúde da família (PSF).	Identificar os diagnósticos de enfermagem, segundo a taxonomia II de NANDA, sobre um grupo de idosos consideradas muito pobres.	Os diagnósticos de enfermagem identificados revelaram-se importantes na caracterização das complexas necessidades apresentadas pelas idosas e no grande avanço no direcionamento da assistência.
2009	MENEZES, Tânia Maria de; LOPES, Regina Lúcia Mendonça; AZEVEDO, Rosana Freitas.	A pessoa idosa e o corpo: uma transformação inevitável.	Compreender a percepção que o idoso tem do próprio corpo em envelhecimento.	Descrevem cinco unidades de significado que foram construídas no estudo. Tais unidades possibilitaram a construção da unidade de significação "o corpo encamado é percebido no processo de envelhecimento a partir de signos físicos".
2010	MENDONÇA, Maria Pontes; SQUASSONI, Carolina Elisabeth; ZAININI, Karina Poccin.	Envelhecer e aprender: um modelo de atuação com enfoque na educação em saúde.	Descrever o trabalho realizado por um eixo temático do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, da área de gerontogeriatría, junto a um grupo de pessoas em processo de envelhecimento, dentro da perspectiva da Educação em Saúde.	O modelo de Educação em Saúde foi promotor de mudanças e permitiu aos participantes a vitória e descoberta de suas capacidades frente ao processo de envelhecimento, promovendo a abertura a novos interesses e habilidades.
2010	SILVA, Aila dos Santos; SANTOS, Iraci; BERARDINELLI, Lina Miguéis	Body image of the elderly in the reflex of self-care for healthy aging: A social-poetic study.	Analisar a dimensão imaginativa de idosos sobre seu autocuidado visando ao envelhecimento saudável.	Evidenciou-se que os idosos manifestaram sua preocupação com o descuido com o corpo em suas dimensões física, intelectual/ emocional, social espiritual, ressaltando a vulnerabilidade para as doenças crônicas, na atualidade um grande problema de saúde pública.

## 4.1 O Corpo que Envelhece

Há o pressuposto de que infância, juventude, maturidade e velhice são conceitos construídos historicamente, regulados por valores e representações sociais, que vão orientar a inclusão e a exclusão das pessoas no campo social (BIRMAN, 1996).

Por outro lado, Marin *et al* (2008) citam que se deve levar em conta que profundas transformações vêm ocorrendo na estrutura etária da população, caracterizada pela acentuada longevidade, atribuída, em especial, às melhores condições de vida das pessoas, no que se refere ao acesso às novas tecnologias de atendimento à saúde.

A temática do envelhecimento vem ganhando maior destaque em diferentes campos, em virtude do aumento significativo da população em idade avançada e dos possíveis problemas que tal fato acarretará à sociedade. Essa maior visibilidade ampara-se em estatísticas populacionais que salientam o fenômeno do crescimento, em escala mundial, do grupo de idosos no total da população. Tal transformação na estrutura etária brasileira tem exigido uma revisão dos estereótipos comumente associados à velhice (MAIA, 2008).

As principais razões para a transição demográfica e epidemiológica são os avanços da ciência e a melhoria das condições sanitárias, tendo revelado como consequência o aumento absoluto e relativo da população idosa brasileira. Nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, essa transição tem ocorrido de forma acelerada, o que vem tornar necessária a organização dos serviços de saúde e, principalmente, o conhecimento dos profissionais de saúde para se tornarem hábeis em lidar com essa clientela (PROCHET; SILVA, 2008).

O fato de se estar envelhecendo, de modo tão acelerado, traz transformações nos valores éticos, estéticos e no modo como se percebe o processo de envelhecer. Mendonça, Squassoni, Zanni (2010) relatam que muitas são as transformações inerentes ao envelhecimento, entre elas, as relacionadas ao corpo, sendo caracterizadas como de difícil elaboração, ainda que possam ser aspectos relativizados.

Cada um tem uma imagem corporal de si mesmo, e essa imagem muda em cada etapa de vida. Sendo a velhice uma dessas etapas, é nela que se concentra o momento mais dramático de mudança de imagem corporal, pela dificuldade de aceitação da imagem envelhecida em uma sociedade que tem como referência a beleza da juventude.

Com a população em crescimento, os anos ainda são concebidos como parte do passar do tempo, expressados no corpo. No imaginário social, o processo de envelhecimento é apontado pelo desgaste, pelas limitações e perdas físicas e dos papéis sociais. As perdas, de maneira frequente, são vistas como problemas de saúde, manifestando-se, em grande parte, na aparência do corpo (MENEZES; LOPES; AZEVEDO, 2009).

No corpo encontram-se embutidas as questões referentes ao bem-estar, à saúde, à dor, à doença e ao processo do envelhecimento. Através da relação “eu-corpo-outro-mundo”, o ser humano vive sua corporeidade de modo significativo para si próprio, e deseja ser reconhecido nesse valor significativo pelos outros.

Nos domínios da subjetividade, trata-se do corpo de um sujeito, que fala de si, que se representa na sua história. História enquanto processo constituído, através das imbricações dos acontecimentos de sua vida de sujeito, cujos elos associativos conferem um sentido a sua existência (PY, 1999).

Os idosos apresentam condições específicas que os tornam mais vulneráveis a perdas, tanto do ponto de vista funcional como emocional, social e econômico, predispondo-os, principalmente, à presença de múltiplas doenças, baixa autoestima, depressão, incapacidade para realizações e pobreza, com grandes interferências na qualidade de vida (MARIN *et al.*, 2008).

Todavia, para Fontes (2007), o aparecimento de doenças crônicas, prevalentes neste período da vida, leva à existência de incapacidades, que podem prejudicar ainda mais o desempenho funcional do indivíduo, o que de algum modo acaba por interferir profundamente em sua relação com o mundo que o cerca.

Envelhecer e adoecer não são sinônimos. É reconhecido que algumas doenças são próprias do envelhecimento, e que, com o decorrer do tempo, elas provocam mudanças corporais. Assim, existem dificuldades enfrentadas pelos idosos, decorrentes de alterações na integralidade do seu corpo, demonstrando que ele possui um forte significado da vivência.

Na aproximação da velhice, o corpo em modificação, suscita sentimentos de perda. É preciso, contudo, que o sujeito desse corpo se ponha à tarefa de reconhecer a si mesmo, confrontando a imagem que se fez ideal, com a realidade das suas capacidades e dos seus limites.

A idade, para alguns idosos, significa causa de espanto e perda do corpo belo, do padrão jovem exposto pela mídia, que classifica na sociedade quem é velho ou jovem. Por outro lado, a idade é apenas um fator social criado para padronizar aspectos sociais e sua importância é sociocultural. Porém, ela é experienciada diferentemente por cada pessoa (SANTANA; SANTOS, 2005).

O corpo velho é um corpo que não perfila ao parâmetro de (re)construção a partir de um conjunto de discursos, práticas e procedimentos que visam a torná-lo culturalmente adequado, capaz de atender as exigências de uma corporeidade supostamente considerada como ideal. Sua presença torna-se uma anomalia em uma sociedade voltada para a perfectibilidade, necessitando, por isso, ser escamoteado ou corrigido (FONTES, 2007).

A negação da velhice se dá por um duplo aspecto. Através da construção de práticas que tendem a encobrir os problemas próprios da idade mais avançada, oferecendo oportunidades de afastar os efeitos do envelhecimento com a renovação do corpo, das identidades e da autoestima. Como também aqueles velhos, que em situação de dependência, pobreza e abandono não podem adequar-se aos modelos de uma velhice bem sucedida, podendo acabar sendo afastados dos circuitos sociais.

Na contemporaneidade, conforme Pitanga (2006) há uma obsessão pelo corpo jovem e uma tentativa de corrigir a marca de passagem do tempo. É justamente esse conhecimento que leva ao enaltecimento do corpo belo e vigoroso, provocando a depreciação do corpo velho e conseqüente busca incessante de adiar ou aniquilar a velhice.

O desenvolvimento de uma gama enorme de tecnologias, na atualidade, permite a produção de novos discursos, novos modos de subjetivação e novas formas de pensar, sentir e viver a velhice (SIBILIA, 2002). A adoção de uma nova representação para as pessoas em idade avançada, associada à produtividade, passa a compor os discursos sobre a velhice na atualidade. Acompanhando essa modificação, novos estilos de vida estão sendo propostos, culminando na produção de uma nova imagem para a velhice (MAIA, 2008).

Assim, vivemos um deslizamento, um cruzamento de fronteiras entre o corpo e as tecnologias, colocando em cheque conceitos, como saúde e beleza, pois não há um limite que possa ser estabelecido para determinar o que é saúde e o que é beleza (SILVA, 2000).

Juventude e vigor tornam-se elementos centrais numa sociedade que tem o corpo como meio de expressão e de construção de identidades. O corpo passa a ser submetido a um regime em que nada pode vazar ou fugir ao controle, gerando um corpo belo, jovem e vigoroso, mesmo que, contraditoriamente, seja iminente a importância de se discutir juventude e longevidade.

Instaura-se, portanto, um cenário que nos leva a pensar sobre a rejeição e o temor em envelhecer em virtude do mito da “eterna juventude”. Se por um lado há um aumento da longevidade e da população de idosos, por outro, observa-se um obscurecimento da velhice, na medida em que se recorre a técnicas que evitem o progresso da decadência física. Esse imperativo espalhou-se de tal

forma que afetou o cotidiano dos indivíduos e aprisionou o devir em corpos que lutam para alcançarem o inatingível – a eternidade.

O que parece estar em evidência, para Maia (2008) é a dificuldade em lidar com a velhice e seus imperativos, como a aproximação da morte e a decadência física. Com o investimento maciço sobre a dimensão corporal, na sua aparência, saúde, performance ou longevidade é comum a presença do modelo biomédico dominante na definição do envelhecimento, considerando-o exclusivamente em termos de declínio da idade adulta, como um estado patológico, uma doença a ser tratada.

Essa discussão demonstra que tais percepções referem-se a uma relação bioideológica com a velhice. É sobre seus corpos, a partir dos sinais visíveis do envelhecimento e da metáfora médica, que os sentimentos e discursos são produzidos. Ao mesmo tempo em que estão numa dimensão não produtiva, de descarte, resíduos da natureza são novamente requisitados, postos em circulação através de atividades, produtos e serviços (MOTTA, 2002).

O corpo do velho é o corpo “diferente”, comparado – em desvantagem – com o modelo de corpo e beleza jovem vigente na sociedade, manipulável para se aproximar deste (MOTTA, 2006). Sendo o envelhecimento evidenciado por um padrão cultural e estético antagonico, o envelhecer pode passar a ser vivido como um defeito que precisa ser disfarçado por meio de artifícios que prometem o rejuvenescimento (SILVA; SANTOS; BERARDINELLI, 2010). Assim, é preciso que a pessoa idosa não procure na imagem do corpo os padrões de beleza da mídia, pois se sabe que a sociedade desempenha papel de destaque na forma como conduz os indivíduos para a importância que atribuem a seus corpos.

Portanto, à luz dessas questões é que se considera a necessidade de dar maior atenção a essa estetização da existência, em que somos o que aparentamos ser, fazendo do corpo o espelho da alma.

## 5 Conclusão

Ao colocar em foco as questões aqui discutidas, podem ser pensados outros modos de viver na velhice, uma vez que tem sido posta em pauta a necessidade de se (re)pensar as experiências nessa fase de vida. Formas essas que permitem a construção de novas identidades, não mais sob uma ótica negativa, mas também que não se radicalize na idéia da mesma sem problemas, superável.

A velhice se apresenta de alguma maneira, através da imagem do corpo, e mesmo que o indivíduo encontre uma imagem mais ou menos convincente ou satisfatória de si mesmo, não pode fugir das modificações que o corpo

vai apresentando com o passar dos anos. Portanto, reconhecer as transformações do corpo na maturidade significa incluí-lo no registro da diferença, recolocando-o num lugar de valor que o faz permanecer no circuito do desejo, contudo sem exageros e negação de si mesmo.

Envelhecer pode trazer limites, incapacidades, mas também pode abrir novas possibilidades de projetos e valores. É importante considerar os aspectos sócio-culturais que envolvem o corpo e o envelhecimento, incluindo valores morais, que através de reflexões, intervenções e vivências, podem construir um contexto social mais inclusivo, de forma a permitir um envelhecimento ativo e qualificado.

Assim, para atuar junto a essa parcela da população, é necessário se pautar na integralidade do cuidado. O enfermeiro, por sua vez, deve exercer seu papel assumindo um dimensionamento ampliado (SILVA; SANTOS; BERARDINELLI, 2010) e, muitas vezes, distinto das bases de formação e de atuação dos profissionais de saúde que, por muitos anos, vem privilegiando o tecnicismo e deixando de lado os aspectos subjetivos do envelhecimento (MARIN *et al.*, 2008).

Nesse sentido, a enfermagem desempenha importante papel frente às peculiaridades da pessoa idosa, na medida em que dá ênfase ao potencial que ela é capaz de utilizar diante das modificações que são inerentes ao envelhecimento, possibilitando, dessa maneira, o envelhecer saudável, mesmo com as inevitáveis modificações do corpo.

Portanto, os enfermeiros devem ampliar o entendimento quanto à urgência de estudos sobre o envelhecer considerando-o um fenômeno multifacetado, no qual a enfermagem tem um papel fundamental para contribuir com o envelhecimento saudável.

Defende-se, aqui, um idoso que se coloca diante da vida através de um corpo autônomo e criativo, e que se utilize do avanço tecnológico na medida de suas reais necessidades e para o desenvolvimento de suas potencialidades. Ou seja, não seria negar a tecnologia, mas estar atento para não sucumbir diante dela.

## BODY AND AGING: A REFLECTION - REVIEW ARTICLE

## Abstract

Objective: to reflect on questions related to the aging and the body, involving changes and significance for modern society. Methodology: this is a bibliographical research from publications indexed in the virtual health library in the period from August 2009 to June 2010. The corpus of this study was composed of twenty publications. Result: the transformations of the body are inherent to the aging, in which they find in-laid referring questions to the welfare, to the health, pain, the illness and the process of aging. Through the relation "me-body-other-world", lives it in significant way for itself, and desires the recognition of this value for the others. However, youth and vigor become central elements in a society that has the body as a way of expression and identity construction. The body of the old is "different" compared, disadvantaged, with the body model and young beauty in our society. Conclusion: to recognize the transformations of the body at the maturity means to include it into the register of the difference, it in a value place, keeping it in the circuit of the desire, without a denial of itself.

## keywords

Aged Human Body. Nursing.

## referências

ANDRADE, Sandra Santos dos. Saúde e beleza do corpo feminino – algumas representações no Brasil do Século XX. *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 119-143, 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2665>>. Acesso em 15 de ago. de 2009.

BIRMAN, Joel. *Por uma estilística da existência*: sobre a psicanálise, a modernidade e arte. São Paulo, ed. 34, 1996.

CANESQUI, Ana Maria. Os estudos de antropologia da saúde/doença no Brasil na década de 1990. *Ciência & saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232003000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232003000100009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 de ago. de 2009.

CHAMMÉ, Sebastião Jorge. Modos e modas da doença e do corpo. *Saúde e sociedade*. São Paulo, v. 5, n. 2, p. 61-76, 1996. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12901996000200005&lng=pt&nrm=iso&tng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12901996000200005&lng=pt&nrm=iso&tng=pt)>. Acesso em: 15 de ago. de 2009.

FONTES, Malu. Os percursos do corpo na cultura contemporânea. In: COUTO, Edvaldo Souza; Goellner, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpus mutantes: ensaios sobre novas (d) eficiências corporais*. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 73-87.

MAIA, Gabriela Felten da. Corpo e Velhice na Contemporaneidade. *Estudos e Pesquisa em Psicologia UERJ*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, 2008. Disponível em: <<http://www.revipsi.uerj.br/v8n3a11.pdf>>. Acesso em: 12 de fev. de 2010.

MALYSSE, Stéphane Rémy. Além do corpo: a carne como ficção científica. *Revista de Antropologia*, USP, São Paulo, v. 43, n. 2, 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-7701200000200016&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-7701200000200016&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 20 de out. de 2009.

MARIN, Maria José Sanches; CECÍLIO, Luís Carlos de Oliveira; RODRIGUES, Luciane Cristine Ribeiro; RICCI, Fabiana Aroni; DRUZIAN, Suelaine. Diagnósticos de enfermagem de idosas carentes de um programa de saúde da família (PSF). *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*. Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452008000200012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452008000200012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 02 de jan. de 2010.

MARIN, Maria José Sanches et al. Diagnóstico de enfermagem de idosas carentes de um Programa de Saúde da Família. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 278-84, jun. 2008.

MENDONÇA, Maria Pontes; SQUASSONI, Carolina Elisabeth; ZANNI, Karina Piccin. Envelhecer e aprender: um modelo de atuação com enfoque na educação em saúde. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*. Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 99-115, 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/11437>>. Acesso em: 30 de jun. de 2010.

MENEZES, Tânia Maria de; LOPES, Regina Lúcia Mendonça; AZEVEDO, Rosana Freitas. A pessoa idosa e o corpo: uma transformação inevitável. *Revista Eletrônica de Enfermagem [Internet]*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, 2009. Disponível em: <<http://www.Fen.ufg.br/revista/v11n3a17.htm>>. Acesso em: 05 de jan. de 2010.

MOTTA, Alda Brito da. Envelhecimento e Sentimento do Corpo. In: MINAYO, Maria Cecília de; COIMBRA JR, Carlos Everaldo Álvares (Orgs.). *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002, p. 37-50.

MOTTA, Alda Brito da. Visão antropológica do envelhecimento. In: FREITAS, Elizabete Viana, PY Lígia; NÉRI Anita Liberalesso; CANÇADO, Flávio Aluzio Xavier; GORZONI, Milton Luiz; ROCHA, Sonia Maria da. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p. 78-82.

PITANGA, Danielle de Andrade. *Visão antropológica do envelhecimento*. 2006, 191f. Dissertação (Mestrado em psicologia clínica) – Centro de Teologia e Ciências Humanas, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2003.

PROCHET, Teresa Cristina; SILVA, Maria Júlia Paes da. Situações de desconforto vivenciadas pelo idoso hospitalizado com a invasão do espaço pessoal e territorial. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*. Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452008000200017&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452008000200017&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 23 de set. de 2009.

PY, Lígia. *Testemunhas vivas da história* (nova edição). Rio de Janeiro: Nau, 1999.

SANTANA, Rosimere Ferreira; SANTOS, Iraci dos. Teorizando o envelhecer para cuidar da pessoa idosa: estudo sociopoético. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2005. Disponível em: <[http://www.eean.ufrj.br/revista\\_enf/2005\\_vol09/2005\\_vol09n02AGOSTO.pdf](http://www.eean.ufrj.br/revista_enf/2005_vol09/2005_vol09n02AGOSTO.pdf)>. Acesso em: 02 de fev. de 2010.

SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SILVA, Aila dos Santos; SANTOS, Iraci; BERARDINELLI, Lina Miguéis. Body image of the elderly in the reflex of self-care for healthy aging: A social-poetic study. *Online Brazilian Journal of Nursing*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/j.1676-4285.2010.2779/612>>. Acesso em: 01 de jun. de 2010.

SILVA, Ana Márcia. *Corpo, Ciência e mercado*: reflexões a cerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. 1 ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados: Florianópolis: UFSC; 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.

Recebido em 06/08/2011  
1ª Revisão em 07/06/2012  
Aceito em 26/10/2012